

PASTORES CONSELHEIROS SENDO ACONSELHADOS:

Cuidando de quem cuida

Ione Gravito de Carvalho¹

Me. Patrícia dos Santos Oga²

RESUMO

Nesse artigo será abordado o fato de um pastor que tem tenha diante de si uma demanda grande de pessoas que precisam de cuidados, mas que ao atendê-las, acaba por se descuidar de si mesmo. Atualmente são identificados casos de doenças orgânicas, emocionais e exaustão em pastores resultantes de uma hermenêutica errada sobre a pessoa de Jesus. Muitos tendem a ver somente pelo perfil divino, como aquele que suporta tudo e se desgasta por amor e cumprimento a missão, porém se esquecem da humanidade de Jesus. O descuido do pastor consigo mesmo reflete na comunidade, pois o cuidador ferido não tem como oferecer ajuda. Para compreender o sentido da tarefa pastoral, será explorado brevemente o histórico do termo "pastor" e o sentido do cuidado pastoral. Por fim o artigo apresentará possibilidades de cuidado pastoral a pastores, como a mentoria e a conscientização da comunidade de fé de que pode ser comunidade terapêutica, pois ela também pode cuidar e dar suporte ao seu pastor e a todos os que se achegarem a ela.

PALAVRA CHAVE

Cuidado pastoral Pastor Comunidade terapêutica.

ABSTRACT

This article will address to the fact that a minister, who has before him a great demand for people who need care, but, while he focusses on them, ends up neglecting himself. Currently they are cases of ministers who suffer organic diseases and emotional exhaustion, which is the result of a mistaken hermeneutic about the person of Jesus. Many tend to see only the divine profile, as the One who supports everything and suffers for love to fulfill a mission, but forget the humanity of Jesus. The lack of caring for himself reflects in the community because a wounded caregiver cannot offer help. To understand the meaning of pastoral task, the history of the term "minister" and the sense of self-care will be briefly presented. Finally, the article will present pastoral care opportunities for ministers, such as mentoring and the awareness of the church that can became a therapeutic community, once it can also nurture and support its minister and whoever who draws close to it.

KEYWORD

Pastoral Care. Minister. Therapeutic community.

¹ Bacharel em Teologia (FATEBE), pós-graduada em Aconselhamento e Gestão de Pessoas (FATEBE), Curitiba – PR - Brasil. E-mail: ionegravito@yahoo.com.br

² Professora Mestre em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especialista em Desenvolvimento Editorial pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX) do Centro universitário UNINTER. Professora do curso de graduação "Bacharelado em Teologia" e do curso de pós-graduação "Aconselhamento e Gestão de Pessoas" da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: profs_patricia@yahoo.com.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No meio pastoral ou religioso em geral, há muito desgaste dos pastores devido às demandas constantes tanto pessoais e familiares como as relacionadas à congregação que lideram, havendo uma relação entre exaustão emocional, física e espiritual. Nas organizações eclesiais existem também várias situações difíceis que podem levar pastores e líderes ao adoecimento (OLIVEIRA, 2004).

Há também as questões dos pastores que dividem um trabalho secular com o ministerial, e a família com as “ovelhas” necessitadas. Como resultado, muitas vezes, o dia de descanso é negligenciado, rotinas e cuidados básicos com a saúde ignorados, além de uma alimentação inadequada, da ausência de exercícios físicos, descaso com consulta médica regular e não realização de um *check-up* anual, o que pode gerar o adoecimento físico e psicológico do pastor, conforme artigo publicado no *site* do Hospital Israelita Albert Einstein em 02/07/2013.

Muitos pastores se dedicam de forma exagerada à atividade que exercem. O desejo de ser sempre melhor, de ter alto desempenho, e até mesmo o desejo de valorização pessoal faz com que a vida de cuidador (pastor) se torne uma obstinação e compulsão, levando a um desgaste emocional, espiritual e físico muito intenso.

Neste veremos qual é o sentido de cuidado, o papel do pastor no Antigo e Novo Testamento, assim como a realidade deste na contemporaneidade.

2 O SENTIDO DE CUIDADO

O ser humano em geral precisa de ser cuidado. Mas, qual é o sentido de cuidado? Cuidar, segundo o Dicionário Aurélio (2004, p. 279) é o mesmo que “refletir acerca de, prevenir-se, ter cuidado consigo mesmo ou zelo consigo mesmo”. A expressão “cuidar de si”, que aparece na obra de Foucault (2004 p.7) aponta para as relações de ajuda, notadamente nas profissões de que se ocupam assistência ao ser humano, em nível físico, mental ou espiritual. O cuidar de si mesmo refere-se ao cuidado que os cuidadores devem dedicar a sua própria pessoa, dado o desgaste que a função cuidadora provoca. Essa ideia é apresentada também no relato de Lucas acerca do discurso de Paulo nos primórdios do cristianismo, que assim recomendava aos pastores: “cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o

qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus que Ele comprou com o seu próprio sangue” (Atos 20:28 NVI).

Segundo Leonardo Boff (1999), “cuidado” vem da raiz *cura* do latim *coera cogitare-cogitatus* e pode ser entendida como relação de amor e amizade que promove cura. O sentido de *cogitare-cogitatus* é o mesmo de *cura*: cogitar é pensar no outro, colocar a atenção nele, mostrar interesse por ele e revelar uma atitude de desvelo, até de preocupação pelo outro. “Um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude” (BOFF, 1999, p. 90-91).

Nas línguas latinas, a expressão “cura d’almas” era utilizada para designar o sacerdote ou o pastor cuja incumbência reside em cuidar do bem espiritual das pessoas e acompanhá-las em sua trajetória religiosa (MIRANDA, 2007). Boff (1999), citando o poeta latino Horácio (65-8 a.C), diz que “o cuidado é o permanente companheiro do ser humano” (p. 92).

3 O PASTOR

No contexto bíblico do Antigo Testamento (Bíblia de Estudo, ARC, 2012, p. 2363), Deus é chamado de pastor (*roeh* palavra hebraica que significa – conduzir, guiar; e *raah*, no hebraico significa na tradução literal “pastor” aquele que apascenta). O Antigo Testamento, a partir do conceito oriental de usar verbos para exprimir a ação de alguém, apresenta Deus como Aquele que apascenta, conduz, guia, dirige, procura, cuida, faz retornar, reúne, guarda, faz recolher-se, visita, inspeciona, julga, tira de, liberta, faz sair de, faz subir, faz entrar, faz vir, salva, conhece, faz aliança. (BOSETTI; PANIMOLLE, 1986, p. 23, 24).

No Novo Testamento, a palavra grega para pastor é *poimén*. Ela aparece 14 vezes, tendo o mesmo significado do Antigo Testamento, que significa cuidar como está escrito em Efésios 4:11 (BJ): “Foi ele quem estabeleceu alguns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres.” (CHAMPLIN; BENTES, 1995).

No Novo Testamento, segundo Bonetti & Panimolle (1986), recupera-se a metáfora do pastor associado ao cuidado de pessoas. Jesus é visto nos sinóticos como rei-pastor. O evangelista Lucas não vai usar o sentido figurado para se referir ao pastor e sim a *ánthopos*, “homem”, percebendo assim que Jesus era um cuidador do povo de Israel enquanto homem.

A igreja do Novo Testamento percebe em Jesus o cumprimento das profecias messiânicas dos profetas Jeremias, Miquéias, Isaías, Ezequiel, Zacarias entre outros, as quais diziam que Javé suscitaria um pastor que reuniria o rebanho e que teria cuidados contínuos do Senhor. Esse pastor executaria um governo reto, justo. Esse é o selo de legitimidade do reinado do Messias, como se nota no texto de Jeremias 23: 3-6 (BJ): “Eu mesmo vou remir o que sobrou das minhas ovelhas [...] vou trazê-las de volta para as pastagens [...] vou dar-lhes pastores que cuidem delas”. O escritor de Hebreus 13:20 (NVI) chama-o de “O grande Pastor de ovelhas”.

Bonetti (1986) comenta que a tradição judaica conhecia Moisés como pastor fiel, mas Jesus Cristo transcende o significado contido na história e na missão de Moisés. Ele é o pastor do novo Êxodo, em condições de conduzir o seu povo à salvação escatológica (Hebreus 3:7- 4, 11).

A ação do Espírito Santo tem levantado e capacitado líderes cristãos e pastores com as mais diversas técnicas para atuarem. Muitos deles contam com a colaboração da psicologia em seu trabalho (COLLINS, 2004). O pastor vai desempenhar seu papel de conselheiro numa relação de ajuda, mas sua atuação vai receber uma marca peculiar: o aconselhando não o vê simplesmente como uma pessoa preparada para o aconselhamento, mas como o seu pastor. Além disso, o aconselhamento pastoral envolve não somente questões pessoais dos mais variados níveis, mas também lida com questões de ordem espiritual.

Segundo Paul Hoff (1996), pastor é aquele que se preocupa com o bem estar de suas ovelhas e procura estar próximo delas para perceber se estão bem ou precisando de sua ajuda, apoio. É aquele que se coloca no lugar do outro como se o mundo do outro fosse seu, que demonstra empatia, interessa-se pelo aconselhando de forma que este sinta isso de forma positiva, deixa transparecer autenticidade nas suas colocações e uma aceitação incondicional das decisões que seu aconselhamento tomar.

Collins (2004) afirma que o conselheiro tem que crer e ter conhecimentos dos atributos de Deus, da natureza humana, da autoridade da Bíblia, da realidade do pecado, do perdão de Deus e da esperança do futuro. Deve procurar conduzir o aconselhando dentro dos princípios e técnicas de ajuda no intuito de que ele se restabeleça. Porém o diferencial está em que o conselheiro cristão vai buscar ajuda por meio do discipulado para que haja crescimento espiritual deste e assim ele venha encontrar em Jesus Cristo aquele que o ama e se importa com ele.

É recomendável que o conselheiro cristão também use o método da oração, da leitura da Bíblia, da confrontação com princípios bíblicos, do encorajamento para que o aconselhando se envolva em atividades da igreja (COLLINS 2004). Para obter sucesso ao ajudar aqueles que dele precisam, o conselheiro precisa ter algumas características singulares, as quais são: ser digno de confiança, calor humano, empatia, motivação na missão, fruto do Espírito, ter boa saúde espiritual e psicológica, honestidade, paciência, competência, conhecer bem a si mesmo, conhecer bem os problemas humanos, disciplinar em amor, ter boas técnicas e estar atualizado na área em que atua, tendo como modelo, de Jesus, o qual não acusava, acolhia, não concordava com o pecado, mas deixava que a pessoa se sentisse aceita e perdoada (BOSETTI; PANIMOLLE, 1986).

4 A REALIDADE DOS PASTORES NA CONTEMPORANEIDADE

Para Boff (1999), um dos grandes desafios do ser humano é justamente combinar trabalho com cuidado, compondo um “modo-de-ser” integral. O pastor, sendo um cuidador que lida com dores alheias, é uma pessoa exposta ao sofrimento.

Roseli Oliveira (2005) diz que o papel de cuidador é mantido à custa de um alto preço para o indivíduo. Há um índice grande de divórcios, de suicídios e a incidência de doenças provocadas pela tensão entre os cuidadores pelo fato de muitos profissionais acreditarem ser preciso suprimir determinados aspectos de sua natureza humana, assumindo uma postura reprimida durante a maior parte do tempo.

Muitos pastores enfrentam problemas, e problemas sérios. Segundo o Instituto Schaeffer, que tem como missão equipar e tratar pastores e igrejas, após dezoito anos de pesquisa iniciada em 1989 e divulgada em seu *site*, revelou que a atividade pastoral é muito perigosa. 70% dos pastores lutam constantemente contra a depressão e 71% estão “esgotados”. Além disso, 72% dos pastores dizem que só estudam a Bíblia quando precisam preparar sermões, 80% acreditam que o ministério pastoral afeta negativamente as suas famílias, e 70% dizem não ter um “amigo próximo”. O Instituto também estima que 80% dos estudantes de seminário (incluindo os recém-formados) irão abandonar o ministério dentro de cinco anos.

Não há dados consistentes sobre quantos cometem suicídio, mas está claro que os pastores não estão imunes a isso.

Por outro lado, há muitos cuidadores-pastores que esquecem de se cuidar por estarem experimentando algumas tentações sobre as quais Henri Nouwen (2002) alerta os líderes. Ele fala sobre a tentação de muitos pastores de causarem impacto o que ele chama de “ego relevante”, que se refere ao desejo de realizar coisas, mostrar coisas, provar coisas e construir coisas. Segundo Nouwen, muitos líderes hoje estão preocupados por não estarem conseguindo causar impacto e, com isso, muitos têm se frustrado, vivendo com a autoestima baixa e com isso acabam desistindo do ministério. Sentem-se fracassados por não demonstrarem um crescimento quantitativo. Essas questões podem levar o pastor à exaustão, pois não se sentem mais relevantes. Outra tentação a que o pastor está sujeito é querer “ser espetacular”. Nouwen (2002) afirma que o desejo de ser uma estrela ou um herói individual tão comum à nossa sociedade não é estranho à igreja de “pastores celebridades”.

O pastor é um ser humano sujeito a todas as necessidades que outro ser humano, sejam elas emocionais, físicas e espirituais. Vive, na maioria das vezes, voltado para as necessidades das pessoas de suas comunidades, mas normalmente não é visto por essas como também ser humano que tem necessidades e que precisa ser cuidado. Conforme Roseli Oliveira (2005), sintomas como perdas de memória, lesões, travamentos, verdadeiros “apagões” da personalidade e da espiritualidade, assim como cansaço prolongado, desmotivação e tristeza acometem muitos pastores. Entre os fatores causadores está a dificuldade do pastor em falar a alguém sobre seus problemas.

Diante do quadro de instabilidade instaurado no seio da igreja proveniente dos valores da pós-modernidade, em que o pastor é reconhecido pelo que ele tem a oferecer e não pelo que ele é enquanto pessoa, ele vivencia vários conflitos internos e com a comunidade, que parece esperar que ele seja um “semideus”. Esse pastor tem esquecido que a obra é de Deus, do Espírito Santo e não do ser humano. Esqueceu-se também de sua limitação bio-psico-espiritual, e de que também é uma ovelha que necessita, como as de seu rebanho de cuidados. Muitos pastores têm vivenciado crise de identidade e se sentindo frustrados com o ministério.

Para se proteger do desgaste que as relações de ajuda acarretam, os pastores podem, como outros profissionais das relações de ajuda, desenvolver

técnicas de “defesa pessoal”, que visam “isolar” o sofrimento da consciência, mantendo-o distante do seu eu (OLIVEIRA, 2005).

O ser humano precisa se conscientizar de que não é Deus; ele é um ser limitado na sua incompletude e, portanto, o cuidado deve ser um princípio ao largo da vida. Percebe-se, no entanto, ao longo da sua vida, que cada ser humano se descuida com frequência, especialmente os cuidadores. Leonardo Boff (1999) cita três situações de descuido:

Na negação do cuidado, o cuidador muitas vezes trabalha em ritmo frenético, desprezando os cuidados básicos consigo mesmo, como alimentação, sono, lazer e descanso, simplesmente porque não se dá conta de suas próprias necessidades. Há um embrutecimento pessoal que leva, no decorrer do tempo, a desumanização nas relações. A busca pelo poder, ou pela ascensão profissional, acadêmica ou social é uma forma de desconexão interna, ou no dizer de Rogers é incongruência. No cuidado excessivo, ou seja, na obsessão que origina o narcisismo, o cuidador se perde no enfoque entre o cuidado de si mesmo e o do outro, passando a se proteger de tal forma que prejudica o seu exercício profissional e suas próprias relações. A relação de ajuda acontece de forma impessoal, técnica e comercial (BOFF, 1999, p.160, 162).

Segundo pesquisa de campo e bibliográfica, Roseli Oliveira (2005) pontua que, entre os cuidadores, a relação de mentoria e orientação é desejada por cerca de 72% deles. Uma pesquisa feita pela Escola Superior de Teologia (EST) nos anos de 1981 a 1990 revela:

[...] um forte clamor por acompanhamento pessoal, tanto durante o estudo quanto no exercício do ministério [...] carência de preparo no sentido da execução de tarefas poimênicas e/ou carências na preparação para administrar os próprios conflitos que se evidenciam no confronto com os de outrem. Em grande medida isso está relacionado com a carência sentida em termos de um acompanhamento pessoal adequado e eficaz, atento às necessidades dos pastores (OLIVEIRA, 2005, p. 73).

Quando se pensa em saúde do pastor cuidador, deve-se pensar em como tem sido sua leitura teológica, pois o que se tem constatado é que na maioria dos casos de exaustão se deve ao fato de uma formação teológica fundamentalista em que a ênfase ao cuidado deve se dar ao espírito em detrimento do corpo. Questões emocionais e corporais também devem ser trabalhadas, como: sono, lazer, trabalho, sexualidade, saúde. Uma sexualidade reprimida pode provocar nesse cuidador uma ideia de alto grau de espiritualidade, mas, enquanto ser humano criado para viver em relacionamentos, terá suas emoções comprometidas, pois não estará bem afetivamente. São fatores comprometedores da saúde do cuidador: sexualidade como tarefa, alcoolismo, automedicação, vício no trabalho eclesial, não tirar férias. É o trabalhador obsessivo, automatizado (OLIVEIRA, 2005).

O Dr. Francisco Lotufo Neto (2003), em sua tese de doutorado, *Psiquiatria e religião*, detectou a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos, observou que a depressão é o transtorno mental mais frequentemente diagnosticado entre ministros (pastores) religiosos. Há casos de depressão motivados por sentimentos como raiva e frustração negadas ou camufladas, emoções contidas não expressas, tornando-se fonte de doenças psicossomáticas. O índice de suicídio entre pastores tem sido alvo de preocupações e pedido de criação de um serviço de apoio aos pastores.

[...] nestes últimos anos temos observado no Brasil um fenômeno nunca registrado na história do cristianismo de qualquer denominação: o suicídio de pastores. Há pelo menos doze casos no Brasil em diferentes denominações. Isto mostra que o sofrimento está sendo grande demais para alguns... (OLIVEIRA, 2005, p. 88).

Henri Nouwen (2001), a raiva contida pode provocar um estrago à saúde do cuidador, levando-o à depressão, descaracterizando também sua personalidade. Ela está ligada muitas vezes a não compreensão por parte de seus líderes e liderados, a momentos de humilhação no ministério por não alcançar metas estabelecidas, o que o tornam agressivo também.

Para Roseli Oliveira (2005), a solidão pastoral, ou seja, a falta de ter com quem dividir suas angústias, conflitos e crises gera uma geração de cuidadores sem cuidados. Alguns fatores que contribuem para essa situação são a falta de ter alguém disposto a ouvir e ser solidário, a questão cultural herdada do protestantismo de que se deve confessar somente a Deus e também transferências constantes e o ativismo religiosos os quais impedem que o cuidador tenha tempo para si.

Oliveira (2005) também percebeu nas pesquisas que muitos pastores sofrem de exaustão também pelas excessivas cobranças por parte da comunidade no sentido de esperarem que ele seja “superpastor”. A própria rigidez consigo mesmo seja em relação ao “padrão” exigido pela comunidade, seja por querer passar uma imagem de “semideus” faz dele um doente em potencial e leva a sublimação dos desejos como mecanismo de defesa.

Percebe-se que muitos pastores são vitimados pelo estresse. Estresse é uma palavra derivada do latim, que teve várias significações, entre elas, adversidade, aflição, e mais recentemente, pressão ou esforço. Com estresse, o organismo experimenta alterações significativas que podem levar à perda de saúde e até à morte (OLIVEIRA, 2005 p. 76).

Outra patologia é síndrome de *Burnout*: *Burn* significa queima e *out*, exterior, na língua inglesa; este termo associado a uma síndrome significa o esgotamento decorrente do desgaste profissional. Luis César Cozzatti (2005), psiquiatra e médico da delegacia do trabalho, em Porto Alegre, define *Burnout* como desgaste ocupacional dos cuidadores. Síndrome de *Burnout* caracteriza-se por exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal. Cozzatti ainda afirma que “as pessoas mais predispostas à síndrome são de personalidade dinâmica, que exercem liderança e têm grandes responsabilidades, são idealistas, mas têm metas irrealistas”. (COZZATTI apud OLIVEIRA, 2005, p. 80-81).

A exaustão emocional tem como sintomas principais o esgotamento, a desmotivação e a despersonalização. O pastor perde a motivação e poderá vir até mesmo desligar-se do ministério. Na questão da despersonalização, o pastor poderá desenvolver indiferença em relação às pessoas de sua comunidade, ficar indiferente às suas necessidades e cuidado. Essa atitude pode caracterizar desumanização por parte desse. A falta de realização pessoal no exercício ministerial poderá influenciar no desempenho de suas funções enquanto cuidador e assim não oferecer cuidado nem às pessoas individualmente nem à organização (ABREU apud OLIVEIRA, 2005, p. 81).

José Cássio Martins (2014), que trabalha no apoio a pastores escreve:

A família do pastor é a primeira que sofre com ele. A igreja tem o pastor, mas a sua família nem sempre o tem. Ele tende a ser mais disponível para a igreja do que para a sua própria família. Isto é uma característica da nossa herança teológica e espiritual. [...] é muito bom e necessário sentir-se vocacionado, mas a excessiva sacralização da vocação pode fazer com que o pastor perca o senso de si mesmo, tornando-se uma “propriedade da sua vocação”. Por isso, ocorre em muitos casos a perda da individualidade e da identidade, para não dizer da sanidade (MARTINS, 2004, p. 93).

Devido às pressões sofridas por esse pastor e pela família deste, problemas que seriam tidos como comum a toda família, tomam dimensões muito maiores e eles não têm onde buscar ajuda, ou seja, alguém ou alguma instituição eclesial que cuide deles. Percebe-se, assim, a necessidade de criar recursos para cuidar desse que é cobrado diuturnamente para cuidar, mas não tem quem cuide dele.

O autoconhecimento e o autocuidado são fundamentais na vida de todo cuidador, e o cuidador pastor não pode se esquecer deles. Lothar Hoch (1985), em seu livro “Psicologia a serviço da libertação”, afirma a importância de o pastor

conhecer-se a si mesmo, em humildade e humanidade, pois Deus se fez homem para resgatar a pessoa humana em toda a profundidade da sua humanidade, e assim deixar-se ser tratado através de terapias e outras áreas das ciências humanas.

O autoconhecimento está associado ao aumento de maturidade emocional. Isso faz o líder sentir-se à vontade consigo mesmo e o capacita para relacionamentos com outras pessoas sem ao menos preocupar-se com seu desempenho. O autoconhecimento favorece o aumento da maturidade e facilita o controle diário da vida e em seu trabalho com sua liderança (BUCKLAND, 2003).

Collins (2004) e Buckland (2003) propõem que a vida do pastor seja um modelo para outros no sentido de viver a Palavra, pois quando essa é vivida, o cuidador valoriza a vida. Isso é fazer discipulado com a própria vida. O pastor terá como *feedback* o retorno da comunidade na sua vida diária. O autoconhecimento em sua essência é traduzido na pergunta “quem sou eu”, o líder deve descobrir-se. Se ele conseguir chegar a este conhecimento interior, seu relacionamento com o exterior será mais suave e terá mais convicção em tudo o que fizer. O autoconhecimento e o amor próprio fazem com que o líder tenha certeza do plano da criação; Deus fez a todos diferenciados, com talentos especiais e distintos. Isso deve elevar o apreço do líder por si mesmo e pelos outros.

Segundo Collins (2003) e Buckland (2003), o ajudador precisa descobrir-se, buscar ajuda, como está escrito no texto de 2 Coríntios 12:10 (BJ): “E é por isso que eu me alegro nas fraquezas, humilhações, necessidade, perseguições e angústias, por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.” O conselheiro alcança maturidade também quando procura aceitar a si mesmo como é, vendo que Deus o criou à sua imagem e que ele é importante para Cristo o qual deu sua vida por ele. Tornou-o filho dele, daí reconhecer que é importante e, portanto ter uma imagem positiva de si é reconhecer o amor de Deus para consigo conforme Romanos 8:15 e Gálatas 4:4-7 (NOUWEN, 2002).

Collins (1990) pondera sobre a importância do cultivo da intimidade com Deus, o que evitaria a soberba de se considerar “deus”. Collins cita J. B. Phillips, o qual diz: “O problema de muitas pessoas hoje é que não descobriram um Deus suficientemente grande para as necessidades modernas” (PHILLIPS apud COLLINS, 1990, p. 151). Pois uma das virtudes de um líder cristão é reconhecer o Criador como ser superior e supremo.

As demandas do ministério não podem impedir o descanso. Em Marcos 6:31, Jesus entra num barco e retirou-se para orar, como uma forma de cuidado, e essa atitude trazia benefícios para ele e para a multidão pois ele aliviava das tensões ao seu redor e reabastecia com o Pai. Percebe-se que no contexto cristão, que a pessoa de Jesus é vista prioritariamente pelo lado divino, enfatiza-se muito seus milagres esquecendo-se de sua humanidade, daí essa dificuldade em perceber o ser humano holisticamente. Collins (1990) sugere uma ação preventiva a partir de uma Igreja vivendo como comunidade terapêutica, em que seus cultos, sua escola bíblica e departamentos tenham uma ação efetiva tanto dentro quanto fora da comunidade. Deve haver unidade, interação e um ambiente de inclusão.

Outra possibilidade de diminuir o desgaste pastoral é a percepção da Igreja de que é comunidade de cuidado. Entende-se que somente uma comunidade terapêutica a exemplo da de Jesus poderá diminuir esse sofrimento de seu líder diminuindo as distâncias através de relacionamentos (NOUWEN, 2002, p. 21-23.). Enquanto comunidade terapêutica, a Igreja é espaço de cuidado uns dos outros e, quando se fala em cuidar uns dos outros, pensa-se também no cuidado dos membros ao pastor e destes entre si.

James Houston (2003) trata a mentoria como um suporte para atender a demanda de pastores tanto a nível preventivo quanto em momento de crise. O que determina o cuidado pastoral é sua opção relacional de ir ao encontro do outro. Isto pode acontecer inclusive em situações profissionais remuneradas. Também pastores jubilados ou aposentados, com vivência e experiência, podem se tornar mentores, além de outras opções: pastores especialistas em família, em aconselhamento etc.

O pastoreio de pastores é possibilidade a ser buscada e alcançada e a percepção dessa carência não apenas é bíblica, como já foi alertada por outros teólogos. Bonhoeffer (2005) é uma das vozes que se levantou defendendo os benefícios da mentoria:

Não é aconselhável que uma única pessoa seja o confessor de todos os demais. Facilmente essa pessoa ficará sobrecarregada e a confissão passará a ser um ato vazio [...] que evite ouvir a confissão a pessoa que não a pratica ela própria. Somente a pessoa humilhada tem condições de ouvir a confissão do irmão sem prejudicar a si mesma. (BONHOEFFER, 2005, p. 93).

Henri Nouwen (2002) pontua que cuidadores precisam de um lugar e de pessoas com quem possam compartilhar suas dores e lutas profundas com pessoas

que não precisam deles, mas que possam guiá-los cada vez mais adiante no profundo mistério do amor de Deus. Percebe-se que há uma deficiência nos contextos eclesiais principalmente protestante de estruturas que tenham um espaço de escuta misericordiosa a esse cuidador. Sendo eles mesmos ouvintes de muitas situações de angústia e dor, percebem-se por vezes aturdidos ou angustiados, ou simplesmente somatizam suas dores sem se dar conta da demanda emocional que enfrentam e quando procuram um ouvido amigo, nem sempre conseguem.

A escuta terapêutica catártica, livre, sem restrições, sem condenações, visa ajudar a pessoa a reorganizar seus sentimentos e cognições a partir da fala. O fato de dispor-se a falar produz as conexões mentais necessárias ao entendimento. Ora, um ambiente propício, com alguém também disposto a ouvir empaticamente, ou seja, sem preconceitos ou objeções preliminares, caracteriza uma escuta terapêutica (NOUWEN, 2002).

O pastor precisa ter Cristo como modelo, pois este estava junto às ovelhas e delas recebia o carinho. Jesus demonstrou na sua jornada terrena que não se deve andar sozinho, sempre estava junto aos discípulos Pedro, Tiago e João, e conhecia suas ovelhas pelo nome. Collins (1990) sugere que o pastor conselheiro siga o exemplo de Jesus Cristo, ou seja, que faça discípulos e que dentre esses tenha aqueles de sua inteira confiança para com ele dividir os trabalhos da comunidade inclusive na área de aconselhamento. Essas pessoas podem servir de tempo integral ou meio período podendo assim auxiliar na condução de casos e também como amigo para substituí-lo ou saírem juntos para reuniões, almoço, oração, palestras o que lhe fará bem, pois não estará sobrecarregado.

O pastor centralizador, autocrático terá sempre uma vida solitária e um ministério frustrado, pois pessoas precisam de pessoas para se completar. Percebe-se então a importância do aconselhamento, pois este aproxima pastor de ovelha: “[...] ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seu coração”, Colossenses 3:16 (NVI).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto pastor-cuidador, Cristo não esteve livre do sofrimento. As crises fizeram parte da vida de Jesus. Como pastor, Ele cuida do aflito, sara o abatido e

traz esperança ao cansado. Sua ação pastoral é ousada, confrontante, terapêutica. Na humanidade revelada de Jesus, o ser humano encontra-se, e Deus se revela a ele. Como pastor-cuidador, Jesus também indica caminhos para o necessário autocuidado daqueles que exercem a missão de cuidadores. Mas o cuidado de Jesus consigo, no entanto, por vezes, é esquecido pelos pastores.

Ao tomar Jesus como referência, o pastor-cuidador deveria perceber o valor de cuidar de si, para que pudesse cuidar cada vez melhor do outro. Entretanto, não é isso que acontece. Muitos pastores, desejando negar-se a si mesmos, anulam o cuidado com o corpo, com as emoções, com a família, com a espiritualidade, tornam-se mais vítimas de doenças orgânicas, emocionais e sem prazer no ministério.

A mentoria, ao propor aos pastores a escuta e o acompanhamento, contribui para que os mesmos se humanizem e percebam o valor de pessoas ao seu lado como auxiliares. A mentoria leva o pastor a se conscientizar das tentações a que está sujeito, a prestar contas ao outro, a ficar alerta para possíveis deslizes no cuidado de si e de sua família, muitas vezes negligenciada e destruída por ele mesmo. A mentoria também leva o pastor a incentivar a igreja a cuidar de si, a ser comunidade terapêutica, em que uns cuidam dos outros, e entre esses outros se inclui o pastor. O sentido de espiritualidade é resgatado na mentoria, quando o cuidador redescobre o prazer de convidar Deus a estar presente na sua vida, chorar juntos nas aflições, compartilhar do sofrimento do amor de Deus por um mundo ferido e proclamar com Ele a libertação.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUCKLAND, Colin. **O líder de carne e osso**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Sinodal, 2005.

COLLINS, R. Gary. **Aconselhamento cristão século XXI**. 2ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HOUSTON, James. E. **Mentoria espiritual**: o desafio de transformar indivíduos em pessoas. São Paulo: Sepal, 2003.

HOCH, Lothar C.; NOÉ, Sidnei V. **Comunidade Terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

LOTUFO NETO, Francisco. **Psiquiatria e religião**: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos. 1997. Tese de Livre-Docência. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, José Cássio. Pastor precisa de pastor. **Revista Ultimato**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/291/pastor-precisa-de-pastor>>. Acesso em 12 dez. 2014.

MIRANDA, Cristiano. **O cuidado essencial**: princípio de um novo ethos. Revista Inclusão Social. Disponível em: <www.ibict.br/revistainclusaosocial/viewarticle.php?id=6&layout=html>. Acesso em: 16 set. 2007.

NOUWEN, Henri. **O perfil do líder cristão do século XXI**. São Paulo: Atos, 2002.

AUTOR? **A espiritualidade no deserto e o ministério contemporâneo**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus. São Leopoldo: Sinodal, 2005.